

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/330365385>

UM HOMEM GASTO: NATURALISMO, HISTORIOGRAFIA LGBT E PRIMEIRA RECEPÇÃO CRÍTICA A MAN OF EXPENDITURE: NATURALISM, LGBT HISTORIOGRAPHY AND FIRST CRITICAL RECEPTION

Article · January 2019

CITATIONS

0

READS

113

1 author:



Helder Thiago Maia

University of São Paulo

23 PUBLICATIONS 21 CITATIONS

[SEE PROFILE](#)

Some of the authors of this publication are also working on these related projects:



Literatura portuguesa pornografica [View project](#)

UM HOMEM GASTO: NATURALISMO, HISTORIOGRAFIA LGBT E PRIMEIRA RECEPÇÃO CRÍTICA

A MAN OF EXPENDITURE: NATURALISM, LGBT HISTORIOGRAPHY AND FIRST CRITICAL RECEPTION

HELDER THIAGO MAIA*

RESUMO: Neste artigo, traço um paralelo entre a utopia higienista e o naturalismo literário através do livro *Um homem gasto: episódio da história social do XIX século* (1885), do médico carioca Ferreira Leal, apostando em um *continuum* entre essas textualidades. Aponto também para o lugar da obra no contexto de sua produção e na historiografia literária LGBT, assim como abordo a recepção do livro através das primeiras críticas dos jornais cariocas *A Semana* e *Jornal do Commercio*.

PALAVRAS-CHAVE: higienismo, naturalismo, um homem gasto, historiografia LGBT, recepção crítica.

ABSTRACT: In this article, we observe a parallel between hygienist utopia and literary naturalism through the book *A man spent: an episode of the social history of the nineteenth century* (1885), by the physician from Rio de Janeiro Ferreira Leal, betting on a *continuum* between these textualities. It is also pointed to the place of the work in the context of its production and in the literary historiography lgbt, as it is approached the reception of the book through the first critics of the Carioca newspapers “A semana” and “Jornal do Commercio”.

KEYWORDS: hygienism, naturalism, a man of expenditure, LGBT historiography, critical reception.

* Doutor em Literatura Comparada pela UFF (Universidade Federal Fluminense).

No século XIX, os primeiros especialistas do espaço urbano, antes mesmo de geógrafos, arquitetos e urbanistas, foram os médicos. Vivemos, nesse período, a *utopia higienista*, onde a medicina passou a ter como principal função, conforme Michel Foucault, a “higiene pública” (FOUCAULT, 1999, p. 291). A retórica médica assumiu um discurso de autoridade que se traduziu, como assinala Marcelo Teixeira (TEIXEIRA, 2013, p. 64), em uma medicalização das cidades, em políticas de ordenamento e administração da vida biológica e em uma psiquiatrização dos “perversos”¹.

A medicalização das cidades, por exemplo, envolvia não só reformas urbanas, mas também o confinamento e/ou a expulsão dos “perversos”. Se a cidade (e a sociedade) era um corpo enfermo que precisava de cuidados médicos (intervenções urbanas), os “perversos” eram entendidos como o vírus que impedia a recuperação da saúde e da moral do espaço urbano e da sociedade. Foi a partir desse tipo de discurso que os médicos, com o apoio de militares, passaram a atuar como os primeiros administradores do espaço.

Com a emergência do higienismo, o discurso e a manipulação espacial, segundo Teixeira, convergiram também para questões morais; conseqüentemente, as reformas urbanas passaram a funcionar como dispositivos biopolíticos que também buscavam controlar, organizar e reprimir os corpos a partir de interpelações normativas e hierárquicas de gênero, etnia, classe, sexualidade, incapacidade, etc (TEIXEIRA, 2013, p. 25). Como afirma Gabriel Giorgi, o aparato médico-criminológico do higienismo proporcionou uma linguagem que legitimou os *sonhos de extermínio* dos corpos dissidentes. Nessa perspectiva, seguindo uma razão burguesa, o saneamento do meio supostamente levaria à elevação da moral social (GIORGI, 2004, p. 63).

Como consequência, as dicotomias entre as sexualidades e os gêneros considerados saudáveis e morais e aqueles considerados patológicos e perversos estruturaram as reformas urbanas, ao mesmo tempo em que promoveram uma normalização da heterossexualidade e uma patologização dos dissidentes. Como nos recorda Teixeira, é nesse cenário que são criados os termos (e as identida-

¹ Neste artigo, entenderemos as perversões não com uma doença e/ou fixação em um comportamento erótico que deveria ser provisório, mas, seguindo a Herbert Marcuse (MARCUSE, 1975, p. 61), como uma rebelião contra a subjugação da sexualidade à ordem da procriação e contra as instituições que garantem essa ordem.

des) homossexual (1869) e heterossexual (1892), além de outras “perversões” (TEIXEIRA, 2013, p. 62).

A utopia higienista, no entanto, teria repercussão não só na produção espacial, mas também na produção de corpos, subjetividades e identidades. Como argumenta Foucault, a sexualidade foi o núcleo de um saber médico sobre a loucura e a anormalidade que se apoiava em uma teoria de degenerescência e que entendia a sexualidade como foco de doenças e “taras” psicológicas hereditárias. Esse discurso médico teve efeitos consideráveis sobre as doutrinas e as práticas eugênicas, assim como também sobre a criminologia, a antropologia e a literatura (FOUCAULT, 1999, p. 301).

Lourenço Ferreira da Silva Leal, médico carioca especialista em “moléstias de senhoras e de crianças” (SACRAMENTO BLAKE, 1899), nascido em 30 de agosto de 1850, é esse típico médico do final do século XIX, não só por pretender atuar como organizador do espaço a partir da ideia de higiene pública, como podemos perceber em seu primeiro livro *Da topografia e da climatologia da cidade do Rio de Janeiro sob o ponto de vista de sua forma exterior, estatura, volume e peso; da meteorologia em geral* (1872), mas também por transformar a gestão do espaço e da higiene pública em um dispositivo que identifica e entende os “perversos” como o vírus que gasta e destrói a saúde moral da cidade, assim como por sugerir e legitimar o extermínio desses corpos/vírus – ainda que seja através do suicídio – como o tratamento adequado que levaria ao saneamento moral da sociedade, como podemos perceber principalmente no livro *Um homem gasto: episódio da história social do XIX século – estudo naturalista* (1885), mas também no seu terceiro e último livro *Supplicio de um marido* (1888).

Um homem gasto (1885), que analisamos a seguir, é importantíssimo do ponto de vista histórico-literário, uma vez que hoje é o primeiro texto em prosa da literatura brasileira a abordar a homossexualidade masculina, ainda que seja a partir da patologização e da sugestão do suicídio como saída moral para os perversos. Nesse sentido, é interessante perceber como os discursos médicos e literários podem atuar conjuntamente para suicidar as diferenças e os corpos dissidentes.

No entanto, é preciso dizer também que a homossexualidade não é o tema principal dessa narrativa, mas talvez o seja a devassidão, a promiscuidade sexual e os casamentos arranjados. Apesar disso, a homossexualidade cumpre um papel importante no texto, uma vez que é esta prática, experimentada na infância

em um internato, que desencadeia a vida de “perversões” da qual Alberto, o homem gasto, gozará.

O internato, meu caro amigo, e principalmente o internato dirigido por ecclesiasticos, esses ilotas da familia, a cujos appetites naturaes a sociedade impões barreiras, levantadas por uma falsa moral, é fonte de incalculáveis perigos para a creança desprecauida. (FERREIRA LEAL, 1885, p. 176)

É interessante perceber e seria frutífero analisar posteriormente o porquê dos primeiros livros do que hoje se entende como literatura LGBT, para além de uma crítica a essas instituições normalmente religiosas, recorrerem a espaços (panópticos), como o internato, o colégio e o convento, como *lócus* privilegiado dos corpos dissidentes. No livro de Ferreira Leal, por exemplo, o internato é construído como um espaço onde meninos, ainda crianças, aprendem “a chafurdar na podridão” do “erro nefando”, “sem jamais conseguir se emancipar” (FERREIRA LEAL, 1885, p. 179).

Um homem gasto, entretanto, foi publicado sob o pseudônimo de L. L., que se apresentava como um estudioso naturalista, como podemos constatar no Jornal do Commercio (RJ), de 26 de maio de 1885. No entanto, o enigma sobre a identidade do autor já parece resolvido três anos depois, quando, no lançamento do terceiro livro de Ferreira Leal, o mesmo jornal, em 8 de julho de 1888, publiciza a autoria dos outros livros do autor, incluindo entre estes *Um homem gasto*: “As segundas edições dos romances do Dr. Ferreira Leal - Supplicio de um marido e Um homem gasto - achão-se á venda em casa de José de Mello, na rua da Quitanda n. 38” (JORNAL DO COMMERCIO, 1888) .

O uso de um pseudônimo possivelmente se justifica por um desejo do autor, enquanto médico “respeitado” e em ascensão social, de não ser reconhecido por um livro que não só abordava “perversões sexuais”, ou seja, “realidades quasi inconciliaveis com o decoro da narração” (FERREIRA LEAL, 1885, p. 11), como também era vendido como “romances para homens”, o que significava que o texto não só era impróprio para mulheres, mas que também era classificado como indecente e até mesmo pornográfico. Segundo Alessandra El Far, o uso do pseudônimo era um costume no âmbito das publicações pornográficas que visava preservar o nome e a reputação dos escritores (EL FAR, 2004, p. 224). Como resume o jornalista C. de L., no Jornal do Commercio (RJ), de 26 de abril de 1885:

Salvo a dificuldade dizendo que é um livro indecentíssimo para todos, mas muito moral para alguns. O leitor espanta-se: pois não tem de que. Indecente é tudo que fere o decoro: moral o que inculca bons costumes ou corrige as mãos. Uma enfermaria cirúrgica onde se descompoem os enfermos, é indecente; mas nella contemplar os pavorosos efeitos do vicio, pode ser de moralíssimo efeito para a mor parte dos viciosos. Um homem gasto está neste caso. Quem tiver meninas e crianças em casa não deixa aquelle volumito por cima das mesas. Nelle se agitação questões physiologicas assás espinhosas. Quanto aos mancebos que alegremente se depauperão e arruinão pelo traiçoeiro caminho da vida pandega, bom é que se precatem, lendo este episodio e delle tirem a moralidade antes que lhe chegue o epilogo, e com este o tardio e inutil arrendimento. (JORNAL DO COMMERCIO, 1885)

Escrito, sob a influência do pensamento médico-sociológico do higienismo, e apresentado, desde o seu título, como um estudo naturalista, *Um homem gasto* é parte, portanto, de um conjunto de textos que a historiografia literária tradicional denominou como Naturalismo. De acordo com seu narrador, o livro é uma “analyse das anormalias”, que “tem merecido e merecerá ainda os mais variados estudos”, de onde se conclui que “a hygiene entretem relações de intimidade com a moral e com a transgressão dos preceitos” (FERREIRA LEAL, 1885, p. 11-14).

Como argumenta Carlos Fígari, o naturalismo literário narra os gêneros e as sexualidades dissidentes de forma idêntica aos tratados de médicos do final do século XIX (FÍGARI, 2007). Nesse mesmo sentido, acredito que a única coisa que diferencia os tratados médico-criminológicos dos textos literários são os meios de circulação e de recepção dessas textualidades (MAIA, 2018, p. 28). Assim sendo,

Homossexuais e lésbicas são apresentados com infâncias difíceis, pais alcoólicos ou degenerados, vidas e relações complicadas, voluptuosas e, finalmente, trágicas. Sempre subjaz a moral burguesa reforçando o padrão de normalidade: vidas “desregradas” terminam mal. O esquema é fechado, não há outra possibilidade de vida além da “correta” e pautada. (FÍGARI, 2007, p. 352)

A partir de Foucault (FOUCAULT, 1985, p. 112), podemos dizer que o naturalismo literário, assim como a medicina das perversões, se articulou em torno de uma teoria de degenerescência que afirmava que a prática de perversões induzia ao esgotamento da descendência, assim como uma hereditariedade carregada de doenças produzia o perverso sexual. Podemos dizer que *Um homem gasto* não só reforça como também recria literariamente essas teorias médicas sobre perversão e degenerescência, e o faz, principalmente, a partir da ideia de que Alberto, que havia nascido “intelectual e fisiologicamente” saudável (A SEMANA, 1885), tinha gasto/esgotado as suas possibilidades de ter uma descendência saudável justamente por ter vivido uma vida orgiástica e nefanda, como podemos perceber no trecho a seguir: “Na correnteza vertiginosa da dissolvente lubricidade não podia perdurar a integridade physica sem grave abalo. Com effeito, aos trinta e cinco annos de idade, comecei a sentir-me extenuado” (FERREIRA LEAL, 1885, p. 191).

O livro está dividido em cinco partes: “Dialogo preambular”, onde o autor-narrador diz que recebeu um conjunto de cartas diretamente de Alberto; “Primeira serie”, que consta de sete cartas de Luiza, a jovem esposa de Alberto, à sua prima Cecília, onde se constrói um perfil emocional de Luiza, assim como se narra a aproximação, o casamento, a lua-de-mel e a rotina do casal em Petrópolis; “Segunda serie”, que consta de oito cartas de Luiza para Cecília, nas quais a primeira descreve a sua infelicidade no casamento, além das doenças de nervos, os tratamentos e o péssimo humor do marido; “Terceira serie”, que consta de 9 cartas entre diversos personagens. Nesta sessão, encontramos a carta XXII, de Alberto de Freitas ao seu médico Paulo de Andrade, onde o missivista reconstrói e confessa, desde a infância, a sua vida de infortúnios e luxúrias, explicando assim as causas do seu suicídio. Por fim, temos a “Conclusão”, onde se diz que o suicídio de Alberto foi noticiado em jornais do Rio de Janeiro em 18 de abril de 1867.

No preâmbulo, assim como nas conclusões, o autor-narrador constrói uma argumentação que visa apresentar o livro como uma “verídica historia” (FERREIRA LEAL, 1885, p. 13), uma vez que ele afirma ter recebido o conjunto de cartas que compõe o livro diretamente de Alberto, que lhe pediu apenas para uniformizar o “estilo” das cartas e corrigir alguns erros, ainda que também o tenha autorizado a mudar a forma do texto, visto que naquele momento se considerava a forma epistolar ultrapassada. Nesse mesmo sentido, ficamos sabendo que Alberto se

suicidou após a entrega das cartas e que o livro foi publicado com alterações insignificantes, como podemos ver nesse trecho:

Senhor do precioso manuscripto corri a casa, alegre de ter feito, sem esperar, um achado valioso. Li-o e reli-o com soffreguidão. Posso asseverar que o dou á estampa tal qual o recebi, tão insignificante foram as alterações de necessidade. Limitei-me apenas ao trabalho de coordenação. (FERREIRA LEAL, 1885, p. 16)

Podemos dizer, então, que as cartas constroem uma narrativa que não só explica a vida de Alberto e Luiza, como também funciona como uma “confissão de um perverso”, que se constrói como um discurso de verdade, cujo objetivo principal, como afirma o narrador, é alertar a sociedade para o perigo das vidas e dos casamentos degenerados. A partir de Fábio Camargo, podemos dizer que a “confissão dos perversos” é um recurso literário usado com objetivos pedagógicos que visam afirmar que uma vida “degenerada” sempre termina mal (CAMARGO, 2014, p. 11).

semelhantes monstruosidades não podem perdurar em condições viáveis; terão fatalmente de extinguir-se nas garras da miseria, afiadas pelo desamparo publico e provocarão a repugnancia que inspiram os torpes receptaculos de materias putrefeitas. (FERREIRA LEAL, 1885, p. 181)

As cartas servem, portanto, para que Alberto confesse ao grande público seus “erros nefandos”. Além disso, é partindo dessa confissão que o narrador não só faz uma série de apelos para que os pais nos casamentos arranjados observem os requisitos sanitários dos noivos, uma vez que estes podem causar funestíssimos prejuízos às noivas, como também questiona a educação nos internatos de meninos e meninas. No caso de Alberto, os “grandes” prejuízos à esposa se referem à incapacidade dele em manter uma ereção e gerar uma descendência “sã”; quanto ao internato, diz o narrador:

Complete agora o justo horror que lhe estão a inspirar os nefandos productos do internato, lembrando-se que as tristes prerrogativas, exaradas aqui, não pertencem exclusivamente aos indivíduos de nosso sexo e são, com maior ou menos numero de variantes, deploravel apanagio dos internatos de meninas. Ellas tambem, as

desditosas educandas, de lá se retiram, em superabundancia, rosas esmaecidas, lyrios desbotados, pendidos do hastil, pelo bapho atrophiante do ambiente infeccionado. As heroínas de Belot, Saphos hodiernas, entidades epicenas e amphibologicas da grammatica da impudicia, constituem seita muito mais extensa do que é dado suppor, dispersa em rêde emmaranhada pelos intersticios sociaes. Tal foi, meu amigo, o lobrego antro de perversidade, onde me vi soterrado, desde o verdejar dos annos. (FERREIRA LEAL, 1885, p. 184-185)

Apesar do silêncio que paira atualmente sobre *Um homem gasto*, o livro foi alvo, à época do seu lançamento, de uma ferrenha discussão entre críticos de dois jornais cariocas: *A Semana*, que atacava não só a qualidade literária do texto, mas também o próprio escritor, chamando-o de um “litterato gasto”, e o *Jornal do Commercio*, que defendia a qualidade literária do texto e do escritor L. L., assim como também atacava o crítico do jornal *A Semana*, nomeando-o de “Noviço”. As primeiras críticas surgem logo após o anúncio de venda do livro, no *Jornal do Commercio*, nos dias 23 e 25 de abril de 1885.

A primeira delas é de 26 de abril, publicada no *Jornal do Commercio*, provavelmente escrita pelo próprio autor, no qual se diz, assim como no livro, que a forma epistolar do livro é antiquada, mas que as cartas têm “estylas” diferentes, de acordo com a índole de quem as escreve. Acrescenta ainda que o texto é indecente para mulheres e crianças, mas que é moralmente bom para rapazes viciosos.

Logo depois aparece a primeira crítica negativa à obra; no dia 9 de maio de 1885, o jornal *A Semana* diz que o livro não tem “estylas próprias”, que é filosoficamente atrasado e que reduzir o problema de Alberto à experiência do internato é um argumento frágil e inverossímil.

Para que, entretanto, essa grandiosa these realizasse o intuito louvabilissimo do auctor, teria sido preciso que elle a encarnasse em novas formas, e agrupasse detalhes ainda pouco explorados. Ainda mais; era necessario que vibrasse no estylo uma tecla que nao existe no seu instrumento, e suas ideias fossem além do que pensaram Locke, Condillac, David Hume e o barão de Holbein, auctores que, segundo parece, são, no seu conceito, a ultima expressão da audacia philosophica. Se não fosse assim, é bem possivel que o Sr. L. L. attribuisse o desastre do seu heróe a causas mais complexas, e não essencialmente ao vicio da educação collegial...

Porque não ao dinheiro? ao clima? Á influencia hereditaria? etc., etc... No mais - de accordo! (A SEMANA, 1885)

Nos dias seguintes, 10 e 21 de maio, aparecem mais três críticas no *Jornal do Commercio*, sendo duas delas também publicadas nos jornais *Folha Nova*, em 29 de abril, e *Gazeta da Tarde*, em 4 de maio. Nestas é dito que o livro é proveitoso para a mocidade, que o escritor tem talento e estilo aprimorado e que o livro tem bons ensinamentos morais, mas que não se deve deixá-lo exposto a olhares inexperientes; ainda que o autor, segundo o “crítico”, escreva sobre matéria delicada sem ferir os ouvidos dos leitores com palavras obscenas.

O livro está escripto em estylo correcto e elegante. Procurou o autor evitar expressões triviaes e grosseiras. E’ esta qualidade preciosa e digna de nota agora que os zolistas nos accommettem por todos lados. Póde-se escrever sobre as materias mais de- licadas sem ferir o ouvido com uma palavra oscena: o livro de L. L. prova-o sufficientemente. (JORNAL DO COMMERCIO, 1885)

A polêmica se acirra a partir de outras quatro críticas de *Noviço* publicadas no jornal *A Semana*: no dia 23 de maio. Nelas, o crítico afirma que as críticas publicadas no *Jornal do Commercio* são escritas pelo próprio autor, que este deve ser um homem senil e que o livro é vulgar, incolor e chato nas formas e nas ideias. Acrescenta ainda que o texto não é naturalista, uma vez que o autor não soube nem pensar o tema, nem exprimi-lo. Nos dias 30 de maio, 06 de junho e 20 de junho de 1885, as acusações agora dizem respeito à inverossimilhança das escolhas filosóficas de Alberto e à suposta normalidade e corrupção do personagem, acrescentando ainda que o autor é tolo, “desenxabido” e que a linguagem do livro é de uma “erudição galhofa oitocentista”.

Por fim, respondendo a uma provocação do autor-crítico que tenta aproximar, através de um suposto frescor e maciez, o crítico principiante ao personagem Alberto (*Jornal do Commercio*, 26 de maio de 1885), *Noviço* diz que o autor não passa de um “litterato gasto”, de um “poeta gasto” (*A Semana*, 06 de junho de 1885).

Visto as nove decimas partes, pelo menos do artigo, que, depois de uma incabação de dez dias, *Noviço* inserio nas columnas da ultima Semana, não constarem senão

de grossas bernadices intempestivas, e visto o autor prometter voltar á carga, fico de alcatéa, á espera que elle dê conta de todo o recado, a vêr se é possível extractar do grotesco aranzel alguma coisa pouca, que porventura mereça resposta no terreno extreme da critica litteraria. Por emquanto deixa-lo espolinhar-se á saciedade nas verdejantes campinas da graçoça, proprios do rapazio, doudejante de jubilações e voluptuosidades de frescores e maciezas de gramados. (JORNAL DO COMMERCIO, 1885)

Assim sendo, Noviço não só afasta de si as “perversões” do personagem, como também atribui ao próprio escritor as incapacidades de seu personagem Alberto. Dessa forma, seguindo ao Noviço, podemos dizer que o livro pode ser entendido, principalmente, como o fruto da impotência literária de Ferreira Leal. Como diz o jovem crítico:

E ahi vem o litterato gasto, como novo D. Quixote, brandindo a lança contra céus, mares e terra, desafiando a todos, chamando o mundo inteiro á discussão. No meio de tudo isto não sabemos o que mais admirar: se a impavides do romancista sem talento, se a disposição em que se acha o rico-homem-de letras; de fazer passar toda a sua fortuna para a caixa do Jornal. (A SEMANA, 1885)

Referências

- A SEMANA. Rio de Janeiro, Edições dos dias 9 de maio de 1885, 23 de maio de 1885, 30 de maio de 1885, 6 de junho de 1885, 20 de junho de 1885.
- CAMARGO, Fábio. Lady Hamilton: ficção e controle social. *Caderno Seminal Digital*. Rio de Janeiro, v. 21, p. 116-140, 2014.
- EL Far, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. *Cadernos Pagu*, p. 285-312, 2007.
- FERREIRA LEAL, Lourenço. *Um homem gasto: episodio da historia social do XIX seculo – estudo naturalista*. Rio de Janeiro: Matheus, Costa & C., 1885.
- FÍGARI, Carlos. *@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: século XVII ao XX*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- GIORGI, Gabriel. *Sueños de exterminio: homosexualidad y representación en la literatura argentina contemporánea*. Rosario: Beatriz Viterbo, 2004.
- JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, Edições dos dias 23 de abril de 1885, 25 de abril de 1885, 26 de abril de 1885, 10 de maio de 1885, 21 de maio de 1885, 26 de maio de 1885, 8 de julho de 1888.
- MAIA, Helder Thiago. *Cine(mão): espaços e subjetividades darkroom*. 293p. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2018.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- SACRAMENTO BLAKE, Augusto. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899.
- SANTOS, Fernanda Cássia. *A construção das masculinidades no discurso médico e nos romances para homens (1885-1923)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, 2012.
- TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. *Presença incômoda: corpos dissidentes na cidade modernista*. 162p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília. Brasília, 2013.